

# O SALAZARISMO



## CONDENA À FOME as massas camponesas

O que se está passando nos campos do Alentejo e do Ribatejo comprova cada vez mais a incapacidade do regime salazarista para satisfazer as necessidades mais mínimas das massas trabalhadoras. O corporativismo fascista feriu de morte a pequena e média lavoura com os seus tabelamentos injustos e com o peso das dívidas e impostos. Ao mesmo tempo, colocando o abastecimento do país sob a patina dos grandes produtores agrícolas norte-americanos, através do Plano Marshal, o salazarismo atirou com a agricultura nacional para a mais grave crise que a tem sacudido. Esta política de traição aos verdadeiros interesses nacionais, é a principal origem da grande crise de trabalho entre os trabalhadores rurais do Alentejo e do Ribatejo e é a grande causadora da fome e da miséria das massas camponesas. Temos todos de nos convencer que hoje não há outra saída para a nossa miserável situação senão a luta persistente, firme e organizada. Só ela pode impedir que o fascismo realize as suas sinistras intenções de atirar para os nossos ombros todo o peso da crise. Em tal caminho anti-popular o governo salazarista conta inteiramente com o apoio dos grandes lavradores fascistas que, cegos, não vêem que, se assim continuarmos, acabaremos também por ser devorados pela dentuça voraz dos grandes monopólios norte-americanos! Eis porque a nossa luta tem de ser dirigida, não apenas contra o salazarismo, mas contra todos aqueles que o acompanham na sua política agrária anti-nacional — os grandes senhores do latifúndio.

O governo de Salazar cortou todas as verbas para os trabalhos públicos e tenta burlar a fome camponesa com conversas e mais conversas de que no fim nada de prático resulta. É verdade que as nossas lutas têm obtido importantes êxitos, mas o verdadeiro fundo dos problemas que nos afligem permanece na mesma e agrava-se dia a dia.

Esta situação mostra-nos que temos de nos lançar em novas lutas mais poderosas, mais amplas e melhor organizadas.

Para isso é indispensável alargar a nossa unidade, não só a todos os camponeses e camponesas como a todas as pessoas que estão interessadas na melhoria da nossa situação, tais como os pequenos comerciantes e industriais que vivem daquilo que nós, camponeses lhes compramos.

Mas não basta isto: é preciso passarmos a outras formas mais energéticas de luta pelas nossas reivindicações imediatas.

A situação mostra-nos que as simples concentrações de poucos trabalhadores não são suficientes para forçar o salazarismo e os agrários a atenderem as nossas reivindicações. É preciso trazer à luta todos os camaradas, desempregados ou não, todos os homens e mulheres que querem pão e trabalho. É preciso engrossar em cada acção o exército dos lutadores, mobilizando toda a população camponesa contra a escravidão salazarista. É preciso organizar marchas de fome e manifestações de desempregados, não apenas de uma localidade mas de várias localidades em conjunto. É preciso, finalmente, organizar comissões de desempregados e comissões de homens e mulheres firmes e combativos, que sejam os porta-vozes das massas camponesas e dos interesses das populações rurais. Não devemos perder a mínima oportunidade de luta contra a exploração, pois cada acção, por muito pequena que seja, que soubermos realizar cada dia, tornará mais poderosa a nossa unidade e dificultará acção exploradora dos governantes fascistas e dos grandes lavradores. Lutemos contra as falsas promessas do salazarismo que com elas pretende adormecer a vontade de luta dos camponeses! Sigamos o exemplo de luta dos valentes camponeses de Benavila, de Borba de Estremoz, de Montemor, de Moura, de Coruche e de Mértola, que estão levantando uma barreira às manobras dos exploradores salazaristas! A vitória será nossa se soubermos tornar as nossas lutas diárias mais potentes, mais amplas e melhor organizadas!

Ano III Nº 28

Agosto de 1949

Preço 3 tostões



# O camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES

Liguemos ao M.N.D.

A LUTA PELAS REIVINDICAÇÕES POPULARES!

O MOVIMENTO NACIONAL DEMOCRÁTICO, limpo dos oportunistas e divisionistas que tanto mal fizeram e estão fazendo à unidade democrática e anti-fascista, ressurge de novo como uma grande força nacional ao serviço das mais sentidas aspirações do nosso povo. Graças aos esforços persistentes dos democratas mais consequentes e ligados às massas o movimento está ganhando novos alevos e fazendo renascer a esperança de todos os portugueses que amam sinceramente a Liberdade e Democracia.

As massas camponesas não podem ficar alheias a um tal movimento porque jamais poderia falar-se em movimento democrático nacional sem a activa participação das massas trabalhadoras da cidade e do campo. Só agentes do salazarismo como Prestes Salgueiro ou oportunistas inveterados como Aresta Branco, que sabotaram no passado a participação das comissões eleitorais de trabalhadores no movimento da candidatura do sr. general Norton de Matos, negam o valor decisivo da acção das massas populares na luta pela Democracia. Nas regiões rurais do sul, onde as massas camponesas, escravizadas e oprimidas pelo estado fascista, constituem a parte mais numerosa da população, são estas que devem tomar a dianteira do movimento democrático e atrair para ele todos os democratas locais. Como devem então agir os camponeses na presente situação? Todos os camponeses e camponesas que amam a Democracia devem reunir-se imediatamente em cada freguesia, atrair para estas reuniões todos os democratas locais e discutir em conjunto as tarefas mais prementes do MOVIMENTO NACIONAL DEMOCRÁTICO. Devemos eleger ou reorganizar as comissões de freguesia, enviar delegados para as comissões concelhias e reivindicar a mais ampla representação da massa camponesa nas comissões distritais das regiões rurais do sul. Ao mesmo tempo devem ser discutidos os

problemas que mais afetam as populações locais tais como de escolas e creches para os filhos dos camponeses, da construção e reparação das estradas e caminhos vicinais, bem como de esgotos tão necessários para a defesa da saúde do povo, os da assistência pública e, muito principalmente, o do desemprego que afeta não somente as massas camponesas como os pequenos comerciantes e artesãos ligados às actividades agrícolas. Tendo em vista a participação dos democratas nas eleições para as Juntas de Freguesia devem estes problemas ser incluídos nos cadernos de reivindicações locais que devem ser a bandeira sob a qual se agruparão as populações para a eleição dos candidatos populares. Nessas assembleias devem também ser escolhidos os homens mais devotados aos interesses do povo que se comprometam a lutar por aquelas reivindicações uma vez eleitos para as Juntas de Freguesia. Deve combater-se desde já em todas as reuniões, assembleias e conversações particulares, a ideia de se apresentarem candidatos a deputados à Assembleia Nacional, sem que para tal sejam obtidas e previamente garantidas as três condições mínimas, ou sejam: NOVO RESENSEAMENTO, LIBERDADE DE PROPAGANDA E FISCALIZAÇÃO DO ACTO ELEITORAL.

uni-vos

PEQUENOS AGRICULTORES

do Algarve!

Os pequenos proprietários e rendeiros algarvios estão a ser vítimas das baixas manobras dos intermediários e dos abutres do Grémio dos Exportadores de Frutas do Algarve. Principalmente os pequenos rendeiros, cujos contractos de arrendamento são feitos à sexta e à sétima, dificilmente poderão aguentar-se. Sem créditos e sem defesa da parte do governo fascista, os pequenos produtores algarvios serão atirados para a miséria e para a ruína se não se unirem e lutarem. Este ano estão a ser oferecidos pelos intermediários preços de verdadeira ruína pelo tigo, amêndoa e azeitona. Só o miolo de amêndoa, que no princípio do ano passado pode vender-se por 300\$00 a arroba, caiu no fim do ano para 180\$00 e está este ano a ser procurado por 100\$ e 90\$00. Também o figo, que há dois anos se vendeu a 80, 70 e 60\$00, caiu o ano passado para 45 e 40 e está este ano a ser procurado por preços muito inferiores. É preciso juntarmos todos, pequenos produtores algarvios, e constituirmos em cada região comissões de unidade que se avistam com as autoridades e exijam medidas de protecção do governo, principalmente créditos baratos e a longo prazo que nos permitam vender os nossos produtos a quem melhor nos queira pagar.

FIRMES E UNIDOS

## valentes camponeses de Benavila

Só a luta firme e organizada das massas está obrigando os fascistas a ouvirem e atenderem as reclamações dos trabalhadores. A luta que os valentes camponeses de Benavila e de Valongo estão travando contra o desemprego e o terror fascista é um exemplo a apontar a todos os camponeses e camponesas do Alentejo e do Ribatejo. Depois de importantes concentrações junto da Casa do Povo e da administração do concelho de Aviz, em que os camponeses sem trabalho de Benavila e Valongo expuseram às autoridades do concelho a sua situação e reivindicações, todos os desempregados destas duas localidades obtiveram trabalho por algum tempo. Como porém a situação se agravasse, de novo os camponeses de Benavila e de Valongo se dirigiram a Aviz procurando o administrador: este fascista mandou entrar a comissão para o seu gabinete e começou a fazer propaganda do Estado Novo. Chamava «camaradas» aos trabalhadores dizendo-lhes que em breve ele, «camarada administrador» também precisaria dos seus votos nas eleições fascistas para deputados. A comissão disse que queria era trabalho e pão. Devido à sua corajosa acção todos os desempregados de Benavila e de Valongo conseguiram ser empregados na reparação da estrada de Benavila a Valongo com uma jornada de 17\$00. Isto porém foi só de pouca dura, pois ao fim de 8 dias tudo estava de novo sem trabalho. Após isto os camponeses de Benavila e de Valongo elegeram uma comissão conjunta, e todos se concentraram junto da Câmara de Aviz, recebendo como resposta do presidente que não havia verba para novos trabalhos. Este fascista tentou quebrar a unidade dos camponeses oferecendo apenas trabalho à comissão e como todos os valentes delegados camponeses recusassem o bandido mandou-os prender. Ao saberem disto, um grande número de camponeses e camponesas de Benavila e Valongo marcharam sobre Aviz protestando contra a prisão dos seus camaradas e exigindo a sua imediata libertação e a satisfação das suas reivindicações. Até agora ainda não chegou ao nosso conhecimento o resultado desta bela acção dos camponeses de Benavila e de Valongo mas a sua disposição de luta mostra que ela continuará até à vitória. Valentes camponeses de Benavila e de Valongo! Continuemos protestando contra a prisão dos nossos camaradas da Comissão que se portaram como dignos trabalhadores, fazendo concentrações com todos os camponeses da região, acompanhados das nossas companheiras e filhos! Fazamos marchas de fome sobre a sede do concelho, arrastando para elas os camponeses das localidades, e exijamos a rápida abertura de trabalhos para os desempregados ou subsídios suficientes para matar a fome aos nossos filhos! Continuemos unidos e firmes e a vitória será certa!



Unidos como um só homem

## OS CAMPONESES ALENTEJANOS LEVANTAM-SE

Contra a fome e o desemprego!

O SALAZARISMO É OBRIGADO A DAR PROVIDÊNCIAS



Camaradas camponeses e camponesas!

O salazarismo, esse grande culpado da fome camponesa, nada faz para aliviar a nossa miséria. Pelo contrário, os bandidos fascistas, que antes nos lançaram no desemprego, atiram-nos agora com as feras da G.N.R. e com todo o peso da sua máquina terrorista para impedir que nossos filhos tenham um pouco de pão.

Camaradas camponeses e camponesas! Não há outra maneira de obrigar o salazarismo e os grandes agrários seus cúmplices, a tomarem medidas imediatas para debelar a miséria e o desemprego senão a nossa luta unida, firme e organizada. Contra a nossa firme unidade esbarrarão todas as manobras terroristas do fascismo. Só a nossa luta intransigente forçará a quadrilha dos exploradores fascistas a atenderem às nossas mais prementes reivindicações — só ela porá completamente a nu a baixa demagogia com que o salazarismo pretende desarmar as massas camponesas. Porém, as miseráveis manobras dos exploradores fascistas não nos intimidarão nem iludirão. Por toda a parte, do Alentejo ao Ribatejo e ao Algarve, os camponeses levantam-se cada vez com mais firmeza contra a fome e o desemprego. As massas camponesas entram em novas formas de luta, passando das simples concentrações locais às marchas de fome e às grandes manifestações populares contra a intervenção terrorista das autoridades. Em alguns casos as massas resistem abertamente à força armada e obrigam as feras da G.N.R. a encolherem as garras.

CONCENTRAÇÕES  
E MANIFESTAÇÕES POPULARES

Em ALDEIA NOVA DE S. BENTO (Serpa), mais de 150 camponeses concentraram-se na Casa do Povo exigindo trabalho. Como não lhes dessem qualquer solução no dia seguinte 170 camponeses invadiram as propriedades entregues ao regime florestal e caçaram perto de 300 peças. Quando os trabalhadores regressavam da caçada uma força da G.N.R. e da Guarda Fiscal saiu-lhes ao caminho e tentou apreender-lhes a caça e autoá-los. Como os camponeses recusassem a fazê-lo os guardas começaram a espancá-los mas os camponeses resistiram e um guarda fiscal ficou ferido. Como os guardas tivessem feito 4 prisões, quase toda a população camponesa de Aldeia Nova, indignada, em número de 600 pessoas se concentrou em frente do posto da G.N.R., manifestando-se contra as prisões, exigindo a libertação dos 4 prisioneiros e reclamando pão e trabalho. Sob a pressão das massas, as autoridades tiveram de providenciar reunindo imediatamente os lavradores da região e distribuindo por eles os camponeses sem trabalho. No dia seguinte foi distribuída a cada família uma amassadura, 200 camponeses foram logo empregados e todos os restantes no sábado seguinte. Em ALVALADE, os desempregados concentraram-se na Casa do Povo exigindo providências para a crise de trabalho mas como aqui nada resolvessem todos os camponeses foram caçar para as grandes propriedades. No regresso a G.N.R. saiu-lhes ao caminho e tentou em vão apreender a caça abatida. Mais tarde 37 trabalhadores foram chamados ao posto e autoados. A população de Alvalade ao ter conhecimento desta acção da G.N.R. fez uma manifestação de protesto em frente do posto local depois do que foram postos em liberdade os 37 camponeses. Em CORUCHE, durante 15 dias mais de 500 camponeses sem trabalho fizeram concentrações diárias junto da Casa do Povo ao fim das quais todos foram distribuídos pelos lavradores. Alguns destes recusaram-se a aceitar os que lhes foram distribuídos mas estes apresentavam-se no local de trabalho sendo os lavradores obrigados a pagar-lhe a jorna. Como os agrários se recusassem a pagar jornas mais altas que as de 15\$00, os trabalhadores começaram a fazer cêra obrigando-os a elevarem a jorna para 18\$00. Em MOURA depois de um longo período de falta de trabalho, os camponeses começaram fazendo concentrações diárias junto da Casa do Povo. No dia 18 de Agosto como a situação se mantivesse na mesma, mais de 600 camponeses fizeram uma grande manifestação junto da Câmara Municipal. O presidente viu-se obrigado a chamar urgentemente o governador civil de Beja afim-de estudar com ele a situação. Depois desta conferência foi resolvido distribuir os desempregados pelos lavradores locais. Em REDONDO, 150 camponeses das freguezias de St.ª Suzana, S. Bento e

s. Miguel de Aduval concentraram-se na Casa do Povo. Dali dirigiram-se à Câmara Municipal onde trouxeram o respectivo presidente, que estava a dormir a sesta, para a Casa do Povo onde lhe expezeram a sua situação e reivindicações. Logo ali conseguiram trabalho para 50. No dia seguinte concentraram-se de novo na Casa do Povo, nomearam uma comissão de unidade que se dirigiu a Évora onde apresentaram as suas reclamações ao respectivo governador civil de quem só receberam promessas vagas. Numa terceira ida a Évora os camponeses fizeram-se acompanhar pelo presidente da Casa do Povo levando-o a expor ao governador civil a situação real dos trabalhadores e suas famílias. Depois desta acção quase todos os trabalhadores conseguiram trabalho. Em CAMPO MAIOR mais de 200 camponeses concentraram-se na Câmara exigindo pão e trabalho. O presidente que é um agrário da região, respondeu-lhes que fossem pedir trabalho «ao Norton de Matos». Indignados com esta resposta os camponeses quiseram linchá-lo salvando-o disso a intervenção doutro lavrador que estava presente. Ante a firmeza dos trabalhadores as autoridades fascistas e os lavradores tiveram que dar providências. Em S. ANDRÉ, (Santiago do Cacém) 90 camponeses levando a frente uma comissão de unidade composta de 11 trabalhadores deslocaram-se junto da Câmara Municipal exigindo trabalho. O presidente prometeu-lhes resolver o seu caso, mandou-os embora e pediu que fossem apenas dois elementos da comissão saber a resposta. No dia aprazado novamente a comissão voltou não apenas com dois elementos como queria o presidente da Câmara mas completamente acompanhada de mais 110 camaradas. Mais uma vez se retiraram com a promessa do presidente da Câmara. No dia seguinte todos os camponeses desempregados foram à caça nas propriedades do regime florestal e no regresso apareceram-lhes o cabo da G.N.R. e uma praça à paisana que contudo, vendo a firmeza dos trabalhadores bateram em retirada. Porém esconderam-se e apanhando dois dos camponeses isolados espancaram-nos brutalmente e apreenderam-lhes a caça que levavam para matar a fome aos seus filhos. Então todos os camponeses voltaram de novo a Santiago, só dali saindo depois do presidente lhes passar cartas de distribuição para os lavradores. Estes queriam apenas empregar 70 mas os 110 camponeses apresentaram-se para trabalhar recusando-se a abandonar o trabalho, pelo que os lavradores tiveram de aceitar todos. Em ARRONCHES, cerca de 100 camponeses esperaram o padre, que também é o presidente da Câmara, e exigiram-lhe trabalho. Este fascista disse-lhes que se havia de vingar dos camponeses por terem recusado votar em Carnona. Porém, ante a firmeza dos trabalhadores teve de arranjar-lhes trabalho. Ao sábado, quando iam para receber a fêria foi-lhes dito na Câmara que não havia verba. Os camponeses de Arronches não souberam manter a mesma firmeza e unidade que lhes tinham permitido obter trabalho e deixaram-se desarmar pelos fascistas. Em BENCATEL 60 camponeses concentraram-se na Casa do Povo exigindo a presença do presidente afim-de dar providências para a crise de trabalho. Este, disse que compareceria não porque o obrigassem a isso mas sim porque queria pois a Casa do Povo não foi criada para resolver as questões do trabalho mas apenas para assistência aos necessitados. Revoltados com a resposta os camponeses insistiram nas suas reivindicações e acabaram por ser empregados a arrancar pedra mas em condições de miserável exploração que muito poucos aceitaram. Em BORBA, os camponeses têm feito concentrações diárias junto da Câmara e da Casa do Povo exigindo trabalho ou um subsídio para os desempregados. Pressionado pelos camponeses o presidente da Casa do Povo deslocou-se a Évora onde conferenciou com o governador civil e com o delegado do I.N.T. acerca das medidas urgentes para limitar a crise. Em PENEDO GORDO 40 camponeses deslocaram-se a Beja levando consigo a direcção da Casa do Povo. Avistaram-se com o governador civil e o delegado do I.N.T. Estes criticaram a direcção da Casa do Povo por ir acompanhada de tanta gente, mas prometeram ir estudar a situação. No dia seguinte, 11-8, todos os desempregados foram em massa caçar nas grandes propriedades e, no mesmo dia entregaram no posto da G.N.R. uma representação assinada por perto de 80 camponeses, exigindo a sua distribuição pelos

lavradores. Em BALEIZÃO, 190 camponeses concentraram-se na Casa do Povo e na Junta de Freguesia exigindo trabalho. Como na ali resolvessem marcharam para Beja e avistaram-se com o governador civil. Devido a esta acção 150 desempregados encontraram ocupação. Em PIAS, onde diariamente os camponeses se têm concentrado na Casa do Povo, na Junta de Freguesia, e no posto da G.N.R., uma comissão de delegados entregou em Serpa ao presidente da Câmara Municipal uma exposição assinada por mais de 200 camponeses, onde comparavam os ganhos dos trabalhadores com o extraordinário aumento do custo da vida e reclamavam pão e trabalho. Em AMARELEJA 80 camponeses concentraram-se na Casa do Povo tendo conseguido logo ali trabalho para 50. Em VALE DE VARGO numa concentração dos camponeses locais foi eleita uma comissão de 20 trabalhadores que se dirigiu a Serpa e ali entregou uma representação reclamando trabalho. Foram todos empregados. Em BRINCHES, depois duma concentração de 60 camponeses na Junta de Freguesia foi conseguido trabalho para 85. Em EXTREMOZ, depois de concentrações diárias junto da Casa do Povo, da Câmara e do Grémio da Lavoura, os camponeses fizeram uma grande manifestação de cerca de 600 desempregados, durante a qual exigiram prontas medidas para acabar com o desemprego. Esta acção dos camponeses obrigou as autoridades fascistas a atenderem as reivindicações apresentadas, sendo empregados todos os camponeses. Em QUINTOS cerca de 100 desempregados longe de se intimidarem perante a força da G.N.R. convocada pelos agrários, dirigiram-se resolutamente ao comandante da força a quem expuseram a sua situação e reivindicações. Este retirou-se com a força e prometeu atender as reclamações camponesas. Também em ALVITO, S.ª do MONTE VIRGEM e PORTTEL se realizaram concentrações de desempregados reclamando pão e trabalho. Em POÇO BARRETO (Silves) 30 camponeses marcharam até Silves onde se avistaram com o administrador do concelho que lhes prometeu trabalho sem que até agora tivesse cumprido a sua promessa.

MAIS FIRMES, MAIS UNIDOS

E MELHOR ORGANIZADOS!

Camaradas camponeses e camponesas! Esta onda de lutas mostra-nos que a nossa unidade se vai afirmando dia a dia e preparando as condições para novas e importantes acções de massas. O salazarismo procura adormecer a nossa vontade de luta realizando conferências e mais conferências para mostrar que está cuidando da nossa situação mas na realidade ela só está a ser resolvida pelo impulso das massas. O fascismo quer impôr-nos um contracto colectivo que nenhum de nós conhece e com o qual nos quer amarrar aos interesses dos agrários. Exijamos que o contracto colectivo de trabalho seja discutido pelos trabalhadores em assembleias nas Casas do Povo e recusamo-nos a cumprí-lo se os lavradores e o governo tentarem aplicá-lo. Continuemos mobilizando todos os homens e mulheres do campo fortalecendo mais e mais nossa unidade, respondendo com maior firmeza às manobras e provocações do salazarismo e dos agrários e organizando as nossas comissões de unidade e de praça, de local e de região quando a luta tenha amplitude regional. Lutemos cada vez mais unidos, mais firmes e melhor organizados!